

Do som, do gesto e da cor na Educação Infantil: diálogos possíveis e necessários

Bianca Barbosa Ladislau¹

Resumo

Este artigo se constitui na/da experiência proporcionada pelo estágio supervisionado na Educação Infantil com crianças de 3 e 4 anos, onde, partindo da problemática da escassez da presença de elementos e recursos como a pintura, feita de forma criativa, a gestualidade e a interação com instrumentos e sons, realizamos um projeto que visava o contato das crianças com essas diferentes linguagens. A fim de aguçar os sentidos, e propiciar, mesmo que brevemente, o contato com outras linguagens artísticas na formação das crianças na Educação Infantil, buscamos dialogar com Holm (2005), Ostetto (2011), Girardello (2011), Nogueira (2011), Góes (2014) e Larrosa (2004), assim como para pensar o tempo da experiência com Arte na Educação Infantil.

Palavras chaves: Educação Infantil. Som. Gesto. Cor. Pintura.

Abstract

This article is part of the experience provided by the supervised internship in Early Childhood Education with children aged 3 and 4, where, starting from the scarcity problem of the elements and resources presence such as painting, made in a creative way, the gestuality and the interaction with instruments and sounds, we carried out a project that aimed at the children's contact with these different languages. In order to sharpen the senses, and to foster, even briefly, the contact with other artistic languages in the formation of children in Early Childhood Education, we seek to dialogue with Holm (2005), Ostetto (2011), Girardello (2011), Nogueira (2011), Góes (2014) and Larrosa (2004) as to think about the time of the experience with Art in Early Childhood Education.

Keywords: Child education. Sound. Gesture. Color. Painting.

¹ Estudante do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. *E-mail:* <biancaladislau@gmail.com>

Introdução

Este artigo é fruto das atividades realizadas durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil, que foram realizadas no CEI Criarte/Ufes, que funciona dentro do campus da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), localizada no bairro Goiabeiras em Vitória -ES.

O projeto desenvolvido com o Grupo 3 - crianças de 3 e 4 anos – tratava-se de utilizar instrumentos de percussão nas intervenções, e este tema foi ao encontro do assunto “Audição”, tratado naquele momento pela professora regente.

As propostas de atividades começaram por apresentar os instrumentos e suas potencialidades sonoras, incentivando o contato com o atabaque, chocalho, pandeiro, entre outros. Passando por interações e experimentações lúdicas com o som e a pintura e chegando à confecção coletiva de um instrumento artesanal para cada criança.

Um dos fatores da escolha dessa proposta foi a necessidade, em nosso ensino básico, de recursos que contribuam para uma educação mais completa e diversificada para as crianças, uma vez que sabemos que linguagens artísticas como a música, dança, vídeo, escultura, teatro, ou mesmo a pintura caminham lentamente nas práticas do ambiente escolar, embora constem nas diretrizes básicas para a educação infantil. A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017), por exemplo, direciona os Campos de Experiência da Educação Infantil em torno de temas e práticas que auxiliem na apropriação cultural e proporcionem desenvolvimento pleno das características subjetivas de cada criança, assim:

[...] Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e recursos tecnológicos. Essas experiências contribuem para que, desde muito pequenas as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca. Portanto a educação infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas (BNCC; 2017 p. 41).

Nesse sentido, compreendemos que ao realizarmos atividades que proporcionem às crianças vivenciar experiências que envolvam as Artes Visuais e a Música, estamos colaborando para que elas desenvolvam a sensibilidade, a criatividade, a expressão pessoal, a imaginação e a apropriação da sua cultura e das diferentes identidades e singularidades que constituem os sujeitos. Além disso, elas ampliam os repertórios artístico-culturais das crianças. De acordo com a BNCC (2017) é importante que as crianças experimentem “[...] sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas [...] assegurando uma formação humana e integral que vise à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva”.

Nessa perspectiva, tivemos como objetivo proporcionar um contato inicial das crianças do grupo 3 com alguns instrumentos de percussão, como o pandeiro, o ganzá (chocalho), o atabaque, o agogô, dentre outros, apresentando os instrumentos, aproximando e motivando as crianças quanto à possibilidade de tocar, de desenvolver noções de ritmo, tempo, coordenação motora, expressão das emoções e cooperação coletiva a partir da ludicidade das atividades de interação com o som, o gesto e a pintura, através do uso desses recursos “[...] as crianças são capazes de ampliar suas experiências e constituírem-se como sujeitos de cultura, ideias e valores” (COSTA; GÓES, 2017, p. 43).

Na Educação Infantil, é comum que as dinâmicas das atividades partam de uma noção da repetição de exercícios em que o foco está no produto final e não nos processos. Nos quais o conteúdo é passado para as crianças de maneira fragmentada, e por vezes não há espaço para a dúvida e nem o encorajamento de ir além. No ensino da Arte, nesse segmento da educação básica, dialogar com as diferentes linguagens torna-se fundamental para aproximar as crianças das outras áreas de conhecimento, bem como para potencializar os aprendizados na sala de atividades.

Nessa perspectiva, este artigo objetiva a reflexão acerca das interações possíveis entre o som, a gestualidade e a visualidade, tendo em vista a experiência proporcionada pela disciplina de estágio supervisionado.

Assim, este texto está organizado em três partes. Na primeira, faremos uma breve revisão de literatura, discutindo os possíveis diálogos entre as Artes Visuais e o ensino da Música nos espaços da Educação Infantil. Em seguida, traremos o nosso relato de experiência, e por fim, nossas considerações.

Artes Visuais e Música: diálogos possíveis

Aprende-se a gostar, a ver e ouvir, assim como a combinar materiais, a inventar formas, por isso um dos papéis do professor é abrir canais para o olhar e a escuta sensíveis, disponibilizando repertórios (imagéticos, musicais, literários, cênicos, fílmicos), não apenas para a realização de uma atividade (...) (OSTETTO, 2004, p. 6).

É comum que no ensino básico e, principalmente na Educação Infantil, a Música e as Artes Visuais sejam utilizadas como um meio para atingir um objetivo. Uma canção aprendida para uma apresentação comemorativa, ou pintar um desenho imprimido que entrará no portfólio da criança, visando mais o produto a ser apresentado aos adultos, do que os elementos processuais de cada sujeito envolvido no processo, e as particularidades das linguagens artísticas contidas ali tornam-se o objetivo de todo processo ensino aprendizagem, desconsiderando assim, as experiências estéticas, sensíveis que deveriam ser, o objetivo das atividades de Arte na Educação Infantil.

Larrosa (2004) propõe pensar a educação valendo-se da experiência. Para ele a experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca, e esta deveria ser uma orientação básica para todos nós que lidamos com crianças pequenas e com o ensino da Arte. Uma questão é que a Arte, de modo geral, está sempre presente nos primeiros anos de formação humana, concordando com Ostetto (2011), as crianças são intrinsecamente poéticas na infância, e conhecem o mundo à sua volta por meio das diferentes linguagens da Arte, seja desenhando, inventando, cantando, dançando. Mas como aprofundar essa interação com a arte no ambiente escolar?

Como fazer com que o repertório de imagens e vocabulário seja ampliado? Como trabalhar a gestualidade? A escuta? Ou mesmo a interação das crianças entre si e com os estímulos que as circundam? O que fazer para libertar e impulsionar cada ser poético em suas particularidades, ao invés de limitá-los e condicioná-los a padrões homogêneos? Sabemos que a Base Nacional Comum Curricular (2017), por exemplo, traz direcionamentos que enfatizam a importância do fruir estético, do olhar consciente para a cultura e as diversas linguagens artísticas. Mas como atingir de fato esses aspectos no cotidiano escolar?

Apresentar desafios para os quais não se espera uma única resposta é algo distinto de oferecer uma atividade “para fazer assim” para chegar naquilo que o professor determinou que seria o produto final. Implica em considerar especificidades de um campo de conhecimento que não se define pela norma, pois não há regras fixas no modo de produção

da arte, suas linguagens são territórios sem fronteiras. Pesquisar, mergulhar no desconhecido para testar novos materiais e formas, experimentar diferentes elementos ainda não apropriados integram o fazer artístico (OSTETTO, 2011, p. 3)

Nesse sentido, a perspectiva aqui cultivada é de incentivar as crianças a se lançarem em processos investigativos e de pesquisa, de maximizar a curiosidade pelo desconhecido, assim, disponibilizando possibilidades e situações que corroborem para a construção de suas subjetividades, visando a autonomia e a criatividade por meio da arte.

Enxergando as contribuições que uma aproximação com a Arte de modo efetivo na infância pode abarcar, é possível trabalhar assuntos e conteúdos que vão reverberar nas capacidades cognitivas e sensíveis de cada criança.

O contato com a música de modo ativo, seja tocando um instrumento ou mesmo apreciando com atenção a um concerto, por exemplo, traz, devido aos impactos que os estímulos sonoros provocam no corpo, vários benefícios ao desenvolvimento da criança. Fato assegurado por inúmeras pesquisas, realizadas principalmente após o século XX:

[...] Os autores perceberam que a prática musical faz com que o cérebro funcione “em rede”: o indivíduo, ao ler determinado sinal na partitura, necessita passar essa informação (visual) ao cérebro; este, por sua vez, transmitirá à mão o movimento necessário (tato); ao final disso, o ouvido acusará se o movimento feito foi o correto (audição). Além disso, os instrumentistas apresentam mais coordenação na mão não dominante do que pessoas comuns. Segundo Gaser, o efeito do treinamento musical no cérebro é semelhante ao da prática de um esporte nos músculos. *Será por isso que Platão já afirmava, há tantos séculos, que a música é a ginástica da alma?* (NOGUEIRA, 2011, p. 111)

Concordamos com Nogueira (2011) quando nos ajuda a refletir sobre a aprendizagem da prática musical ajudar o cérebro funcionar “em rede”, pois acreditamos que as crianças aprendem, vivenciam e experimentam situações de maneira integrada, e não dicotomizada. Assim, as propostas implementadas na vivência desse estágio misturavam elementos visuais. Utilizando a pintura, feita de forma espontânea, e o gesto, relacionando-os e integrando-os aos ritmos musicais. As crianças pintaram de acordo com o ritmo dos instrumentos (cada um à sua maneira), descobrindo, a partir do próprio corpo, as potencialidades sonoras e interativas ali disponíveis. Visando criar uma situação lúdica de experimentação, na qual o processo é igualmente importante ao produto final.

Segundo Ostetto (2011),

Para contribuir com os processos expressivos, além de alargar as oportunidades de acesso a riqueza da produção humana, promovendo a aproximação aos diferentes códigos estéticos, é preciso também promover encontros e buscas, encorajando as crianças a experimentação (OSTETTO, 2011, p. 6)

Em relação a essa experimentação, sobre a qual a autora nos ajuda a refletir, tanto a pintura quanto a música, no que diz respeito à natureza de suas linguagens, contribuem abundantemente para a formação humana. Além de serem bases de nossa cultura ocidental, ou seja, é preciso que em nossa formação básica preparemos os sujeitos para receberem a cultura de forma reflexiva e consciente, isso se dá à medida em que permitimos e incentivamos o contato ativo com as linguagens artísticas, para que se apropriem da própria cultura e transformem suas relações afetivas, sensoriais e cognitivas.

Decorrer das intervenções

De acordo com nosso objetivo de proporcionar o contato das crianças do grupo 3 com alguns instrumentos de percussão, aproximando-as e motivando-as quanto a possibilidade de tocar, de desenvolver noções de ritmo, tempo, coordenação motora, expressão das emoções e cooperação coletiva a partir da ludicidade das atividades de interação com o som, o gesto e a pintura, por meio das diferentes linguagens, iniciamos nossas intervenções, acreditando que “[...] A presença da arte na educação infantil será tanto mais importante, quanto puder contribuir para ampliar o olhar da criança sobre o mundo, a natureza e a cultura, diversificando e enriquecendo suas experiências sensíveis – estéticas, por isso, vitais” (OSTETTO, 2004, p. 5).

Assim, iniciamos as atividades apresentando cada instrumento às crianças, demonstrando a possibilidade de som daquele instrumento, sua composição, materiais e de que é feito, permitindo que elas tivessem um contato com o instrumento apresentado, incentivando a manuseá-lo da maneira apropriada.

Nessa primeira intervenção, levamos os instrumentos dentro de uma mala. Após a roda de conversa inicial - a professora me apoiou na introdução do assunto - fomos estimulando a curiosidade delas sobre o que havia dentro da mala.

Ao passo que se retirava um instrumento para fora da mala, demonstrava-se brevemente como era o som, então cada criança podia também experimentar e tentar reproduzir esse som. Assim agimos ao apresentar cada instrumento. Foi interessante

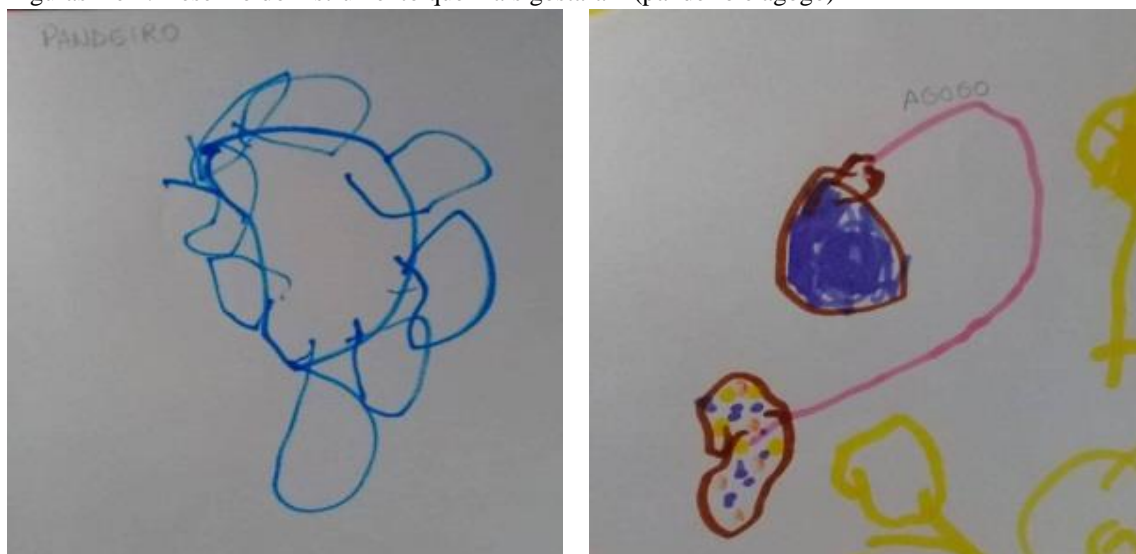
observar como elas interagiam entre elas e os instrumentos, propus então a divisão em grupos de 3 ou 4 crianças, cada grupo ficaria com um dos instrumentos, o tambor (atabaque), o pandeiro, o agogô e o chocalho. Elas iam se revezando para que todas pudessem tocar um pouco de tudo; foi um momento divertido e que gerou interesse em relação aos instrumentos apresentados.

Após a experimentação, solicitamos que as crianças desenhassem os instrumentos a partir da observação. Propusemos então que elas observassem e desenhassem os instrumentos que gostaram e, em seguida, podiam optar por brincar fora da sala de atividades ou tocar algum instrumento. As crianças iam desenhando, brincando e tocando voluntariamente.

Devido ao entusiasmo daquele momento e da quantidade de crianças, a professora (F) sugeriu que, ao invés do desenho de observação, elas desenhassem o instrumento que mais tinham apreciado (Figura 1), o que funcionou muito bem e acabou sendo uma espécie de desenho de memória.

A partir dessa observação da professora nos remetemos a Góes (2014, p. 24) que, ao se referir aos desenhos infantis destaca que “[...] podemos pensar na forma como, na sua gênese, ele é constituído, ou seja, a criança desenha de memória. Desenha o que conhece sobre o objeto e não sobre o que está vendo”. Nesse aspecto, compreendemos que, mesmo tendo o objeto (instrumento) à sua frente para observar, as crianças se utilizaram da memória, do que sabiam do objeto para desenhá-lo, sem necessariamente, intencional em fazer uma cópia real.

Figuras 1 e 2: Desenho do instrumento que mais gostaram (pandeiro e agogô)



Fonte: Da autora

Tal proposição foi totalmente ao encontro de como as crianças pequenas desenvolvem o desenho, já que é a partir da memorização, do que elas sabem do objeto, que se dá o ato de desenhar, assim, a criança desenha como se contasse uma história.

A mudança de orientação realizada pela professora só veio a acrescentar na regência da atividade, e, como conversávamos nas aulas de orientação de Estágio, era natural que mudanças ocorressem e se diferenciassem do planejamento inicial.

Ainda em relação a atividade de desenhar os instrumentos, podemos observar que mesmo que as crianças tenham se envolvido no processo da atividade, verbalizando o que queriam desenhar e o que haviam desenhado, houve a necessidade da professora de escrever nos desenhos das crianças com o objetivo de deixar registrado o “dito”. Ora, se entendemos o desenho como linguagem, como enunciado, como um dizer da criança (GÓES, 2014), qual a necessidade de escrever nos desenhos delas? Acreditamos que essa necessidade advém de uma cultura que enaltece a linguagem escrita em detrimento da linguagem visual, além disso, inferimos que essa é uma necessidade dos adultos e não das crianças.

Em um outro momento, propusemos a terceira atividade, que consistia em realizar uma pintura a partir do som dos instrumentos. As crianças foram orientadas a pintar com as mãos e a tentar imitar os sons graves com a palma da mão e os sons agudos com a ponta dos dedos, usando guache e seguindo o ritmo dos instrumentos. À medida que tocávamos os diferentes instrumentos, elas deveriam acompanhar o som, no ritmo, tocando com os dedos ou com as mãos sobre o papel, que estavam em uma superfície fixa.

O primeiro instrumento que tocamos foi o tambor, assim, ao toque dele e de acordo com o que ouviam, as crianças deveriam pintar (Figuras 3 e 4).

Figuras 3 e 4: No ritmo do tambor



Fonte: Da autora

Nesse momento, as crianças puderam escolher a/as cor/es que preferissem utilizar e, a partir dos gestos de cada uma, as pinturas iam tomando forma e ritmo. Nas pinturas acima podemos observar que, inicialmente, ao batermos lentamente no tambor, as crianças utilizaram somente o dedo indicador acompanhando o ritmo. Assim que trocamos de instrumento e o ritmo se tornou mais rápido, as pinturas começaram a se tornar mais fluidas, e a tinta começou a ser espalhada pelo papel.

Ao som do Agogô, instrumento que produz som agudo, pudemos perceber que as crianças tendiam a fazer pequenos toques com tinta na superfície, como sequências de pontos, mas com o tocar do Pandeiro ocorreu o preenchimento dos espaços com a tinta, conforme podemos perceber nas figuras abaixo (Figuras 5 e 6):

Figuras 5 e 6: tocando o Agogô e o Pandeiro



Fonte: Da autora

Foi visível o entusiasmo das crianças com essa proposta. Elas demonstraram interesse no momento e após, quando apreciaram as próprias pinturas e as dos colegas. Nesses momentos de produção, percebemos como é importante dialogar com as crianças. Torna-se fundamental, mediar os processos, explicado mais vezes e de outras formas sobre a proposta ou, em algumas vezes, demonstrar como se utiliza cada instrumento.

Esse tipo de atividade nos leva a refletir sobre como essas experiências, ou melhor, como a interação, o diálogo entre som, gesto e cor na Educação Infantil, são possíveis e necessários. Imersões sensoriais proporcionadas pela Arte são fundamentais para a formação humana, pois “[...] Uma das condições mais frequentemente apontadas

como favoráveis à imaginação é a possibilidade de fruição estética, especialmente o contato profundo da criança com a literatura e a arte” (GIRARDELLO, p. 3, 2011).

Uma vez que temos acesso, principalmente na infância, ao exercício de nossas capacidades sensoriais, à atenção aos nossos próprios sentidos, sendo incentivados à concentração, à observação e ao questionamento, havendo espaço para dúvidas, acertos ou erros, há espaço para a fruição estética, a reflexão e a criatividade.

Assim, nossa última intervenção teve como objetivo a confecção de um chocalho artesanal, cada criança o confeccionaria e o enfeitaria com o nosso auxílio. Utilizamos então, garrafinhas de 500 ml de água que foram decoradas com fita colorida, papéis com desenhos das crianças e grãos de arroz e feijão para efeito de som (Figuras 7 e 8).

Tivemos pouco tempo para a execução dessa atividade, somente 30 minutos depois da Educação Física, devido aos horários e planejamento da turma. Isso nos leva a refletir sobre o tempo da experiência, tão discutido em nossa academia. Entretanto, quando estamos na escola percebemos que esse tempo se constrói a partir de uma rotina escolarizada e “sem tempo” para a experiência. Nessa perspectiva, finalizamos os chocalhos com rapidez extrema e cada criança pôde interagir com seu brinquedo musical.

Figuras 7, 8 e 9: Confeção do chocalho



Fonte: Da autora

Perguntamos para as crianças o que haviam achado da atividade. Elas nos deram respostas positivas e entusiasmadas. Uma delas disse que achou “lindo”, outra que achou “legal”. Uma criança lembrou o nome do agogô, quando realizamos a atividade da pintura. Esse retorno das crianças é muito importante, pois significa que as atividades tiveram sentido para elas. Por fim, a pergunta que foi unânime na sala, durante a

confeção do chocalho, era se eles poderiam levá-lo para casa, demonstrando interesse no produto que estavam confeccionando, mas significando com palavras e gestos, o quanto foi importante todo processo da proposta.

Considerações finais

A experiência proporcionada pela disciplina de estágio na Educação Infantil foi de muito aprendizado, e será certamente fundamental para minha formação, pois gerou um contato inicial com o ensino infantil e a docência.

O período de observação se faz muito necessário, ajuda a entender como funciona a dinâmica daquele espaço, como as professoras e estagiárias procedem em relação a determinadas ações, que vocabulário elas utilizam, como é a estrutura dos horários, como são executadas as atividades e passados os conteúdos e tudo que circunda aquele ambiente escolar específico. Além de contribuir para uma noção mais adequada das propostas de regência àquele grupo de crianças, pois meu interesse partiu do pressuposto do lúdico e da brincadeira como recursos e como possibilidades de processos criativos. Para Holm (2011):

A brincadeira é livre na sua essência – o processo de criação artística é livre em sua essência- Se um processo artístico é controlado, já não é mais um processo artístico, correto? Os adultos devem ser co-criativos, não controladores. As crianças são cheias de entusiasmo e energia, elementos importantes do processo criativo, que não devem ser destruídos (HOLM, 2011, p. 18).

A proposta que envolvia o som, o gesto e a cor na Educação Infantil, em um diálogo profícuo entre os três se deu numa dinâmica mais próxima a do ato de brincar, sem a rigidez de ditar como deveria ser o resultado imagético, tentando apenas dar indicativos das possibilidades que o som poderia trazer para os traços e gestos por meio da tinta e, naquele momento, no processo, ou seja, dando espaço para a experiência, vivência, criatividade e imaginação.

Aprender a desempenhar uma didática na sala de atividades, a como proceder com conteúdos, enxergando as crianças como seres autônomos, respeitando suas particularidades sem perder o sentido da coletividade é tarefa que exige extrema dedicação e responsabilidade, além de ética e também afeto, já que o processo de ensino-aprendizado acontece através da interação humana, do diálogo, na troca e na interação entre os sujeitos.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC, 2017). Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>> Acesso em 25 de julho de 2018, às 10h56. p. 31-51.

COSTA, Mônica C. M.; GÓES, Margarete Sacht. Práticas pedagógicas de produção de textos na educação infantil: diálogos entre o educar e o cuidar. **Revista Brasileira de Alfabetização – ABAIf**. Vitória, ES. v. 1, n. 5, p. 31-48, jan./jun. 2017.

GIRARDELLO, Gilka. **Imaginação: arte e ciência na infância**. Campinas, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v22n2/v22n2a07>> Acesso em 26 de dezembro de 2017, às 16h25.

GÓES, Margarete Sacht. **As relações entre desenho e escrita no processo de apropriação da linguagem escrita**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, 2014.

HOLM, Anna Marie, **Fazer e pensar arte**. MAM SP. São Paulo, 2005.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NOGUEIRA, Monique Andries. **A expressão musical e a criança de 0 a 6 anos**. Caderno de formação de professores, Educação Infantil: Princípios e fundamentos, Volume 3. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil e Arte: sentidos e práticas possíveis**. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/320/1/01d14t01.pdf>> Acesso em 13 de dezembro de 2017, às 07h55.